

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2017

Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

© Miguel Miranda, 2017

O autor é representado pela agência literária Bookoffice (bookoffice.booktailors.com).

Título: *Demasiado Mar para Tantas Dívidas*

Autor: Miguel Miranda

Revisão: Sérgio Fernandes

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Ideias com Peso/Marcador Editora

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-319-7

Depósito legal: 426 373/17

1.^a edição: junho de 2017

Este livro é dedicado a todos os que, privados da liberdade, voam.

Capítulo I

A casa encontra-se vazia. Raios de luz suspendem o pó, o tempo, a dor, a memória. Um silêncio ecoa nos aposentos, um grito duplicado nas paredes expondo a sua nudez. Toda a vida se escoou da casa deixando-a exangue.

O silêncio é enganoso. Esconde e revela. Íris está por todo o lado, sobretudo dentro dos espelhos. O soalho range-lhe os passos, os lustres tilintam-lhe o riso cristal, o vento murmura-lhe a voz. Divone enlouquece.

– Íris, onde estás?

É um jogo de cabra-cega de olhos abertos, repete, deambulando pela casa. Estende os braços,

«As mãos veem mais que os olhos».

Os dedos angustiados tateiam as cadeiras, a mesa, o louceiro, o sofá e as almofadas. As almofadas. Detêm-se, segurando uma delas e aspirando-lhe os odores. Íris está nas almofadas, onde ainda permanece o seu molde do nariz e das maçãs do rosto.

– Íris, Íris...

Amputada da filha, secou por dentro e por fora. As lágrimas estiolaram, o desespero cegou-a. A cegueira de Divone é diferente, ela vê a realidade como um teatro de sombras onde Íris pode entrar a qualquer momento.

– Íris, onde estás?

O eco do silêncio é abusivo. A ausência de resposta é uma dor, alimenta-lhe o estado de negação em que vive.

Divone deixou de falar de Íris. Calar é não ter dúvidas, certezas e perguntas sem resposta. Por respeito a Divone não se falará de Íris por aqui.

Capítulo 2

A brisa agita pássaros nos ramos do *flamboyant* onde Íris brincava. Escondida entre os seus braços de fogo, ela era dona do mundo. O jardim, a casa, o mundo flamejam ao fim da tarde, quando o silêncio arde.

Não se falará mais de Íris neste livro. No entanto, há coisas que não podem ficar por dizer. Serão as últimas, espera-se.



Excerto do diário mental de Íris, escrito a sangue na selva da Colômbia

Não tenho memória de como aqui cheguei, nem de há quanto tempo me encontro em cativeiro. Dói-me a alma, mais do que o corpo, que me abandona aos poucos. Posso ter morrido, mas, se morri, não dei por isso.

Olho em volta. Tudo é velado e confuso neste casulo onde me encerro.

Estou cega ou morta? Esta dúvida morde-me a consciência.

Não sei se é vida ou morte, este estado de suspensão do pensamento. Julgo que morri e estou arquivada numa espécie de entreposto de perdidos e achados para almas penadas. Tento sorrir, mas não me apetece. Mentira, não consigo esboçar um sorriso e engano-me a mim mesma para não desesperar.

Os sons são vagos e ilusórios, nada me dizem. Vozes, coisas a cair, ruídos de carros acendem-se, apagam-se, misturam-se. Estão perto? Estão longe? De que lado surgem? Aos poucos, os sons ganham distância, quase já não os ouço. Param. Depois voltam. Param de novo.

Uma terrível sede rasga-me as entranhas, corta-me os lábios. A língua é maior do que a boca, sufoca-me.

Estou viva, ou estou morta? Não sei.

É benigna esta minha dúvida sobre a morte. Só pode ser um sinal de vida, se tivesse morrido não me ocorreriam angústias ou incertezas.

Tenho sede e não quero beber. Nem toda a água do mundo apaziguaria esta sede de dentro. Sede de viver o que falta, ou de morrer o que sobra.

Os meus olhos cegaram, não me recordo como. Vejo uma bruma leitosa dentro da qual não distingo os vultos que me cercam. Aprendi a contar o tempo pelos sons e pela sua ausência, o que me inquieta, não distingo o dia da noite.

Ardo em febre e gelo. O corpo não me obedece, o pensamento ainda menos. Se o corpo vagueasse como o pensamento, ou o pensamento se imobilizasse como o corpo, estaria bem mais no comando de mim mesma do que o que me acontece agora.

Um ruído de passos. Um chocalhar de líquido dentro de uma vasilha. Uma voz:

— Come!

Os dedos não parecem meus. Percorrem o chão como aranhas indecisas. Encontro uma coisa morna, parece uma tigela, tomo-a entre as mãos, recebo no rosto o odor morno da sopa requeimada, deixo-a cair e escuto o estampido da louça a quebrar, apetece-me sorrir, mas os lábios gretados já não esticam.

— Cabra!

O grito antecede as pancadas. Murros, pontapés na cabeça, na barriga. Uma dor excruciante crava-me o corpo quando acabam de me bater. Sorrio ofegante, as dores dão-me a certeza de que estou viva.

— Cabra!

Agarram-me, estou de joelhos enquanto me violam o corpo e a alma. Faltam-me forças para gritar ou resistir, já não tenho a certeza de estar

viva, deixei de sentir dor e isso preocupa-me, mergulho num estado de dormência e distanciamento onde tudo se desfoca e apaga. Se isto é a morte, então que acabe depressa!

Repito, vezes sem conta:

«Vem... Vem...»

Nada. O absoluto e negro silêncio é uma resposta insatisfatória ao meu grito.



O resgate do corpo sem a certeza de resgatar a alma de Íris

O som cavo do caixão na passadeira rolante do forno crematório criou uma dúvida final na cabeça de Martingo Borges: e se o esquife estivesse vazio, Íris estivesse viva e nada tivesse acontecido?

Há algo de demoníaco nas labaredas onde Íris se consome. Um vidro separa a realidade do holocausto, a imolação é ensurdecadora e crepitante. No final, um punhado de cinzas resume a existência de um corpo. A cremação é um alívio, não haverá campa para velar, não será gravado um nome em mármore no cemitério. Não havendo registo da morte, ela não existe. Apenas nos corvos, mas esses são fáceis de espantar.

«Não há certezas sobre a morte. Quem morreu e quem está vivo? Quem pode saber se morreu ou não, durante o sono, e o que julga ver é real ou fantasia de defunto? A realidade é ilusória, enganosa.

»A morte é uma contingência: é o fim ou o princípio da vida, ou uma passagem, uma transição. Não há como ter a certeza sem experimentar. Mas, depois de experimentar, será difícil meditar sobre o acontecido, ou pelo menos contá-lo.»

Enquanto Íris era apaziguada pelo fogo, estes pensamentos aconteceram a Martingo, entrecortados por outros mais banais, como a granulação ideal da farinha para o pão e o horário do combate de boxe que ocorreria de madrugada.

«Não há certezas sobre a morte» — este pensamento martelava-lhe o cérebro.

Confirmou que a morte recheava o caixão quando os raptos trocaram o cadáver de Íris por uma mala de dinheiro. Podia tratar-se

apenas de um sonho e talvez ela não tivesse sido raptada, nem fosse diabética e precisasse de insulina, nem tivesse morrido por falta desta. Podia ser apenas um sonho, mas não era.

«Tenho um breve encontro com a morte ao qual não posso faltar» – pensou Martingo, cerrando os dedos na coronha da arma, os lábios amordaçando estas palavras dentro da boca. Passara a noite em claro a imaginar o gesto, a arma empunhada, os tiros certos, a vingança a trespassar o peito dos algozes. À luz do sonho os movimentos eram perfeitos. A claridade do dia esvanecia esta certeza. Quem pode saber se a realidade é melhor do que o sonho?

Eram apenas dois os bandidos à vista, seria fácil abatê-los. Uma estrada de montanha, sem movimento. Uma ponte, um ribeiro manso, um desvio em terra batida, uma clareira, uma carrinha de caixa aberta, um volume com o corpo de Íris coberto com oleado, dois homens à espera. Os dedos crispados no gatilho, o coração suspenso. Era demasiado fácil abatê-los. A sombra indecisa das árvores, os pássaros espantados, a brisa soprando-lhe a certeza de haver outros sequestradores ocultos. Um movimento errado e seria cravado de balas. Mesmo assim, considerou a hipótese de morrer, matando. Acobardou-se no último segundo e relaxou os dedos. Não há certezas sobre a morte, murmurou. E sobre a vida muito menos.

Naquele breve instante, o movimento de rotação da Terra parou, suspendeu-se o vento e o voo dos pássaros, silenciaram-se os sons e a respiração dos vivos e dos que o julgavam ser.

Teria sido fácil matar e morrer, considerou Martingo.

Uma mala de dinheiro trocada pelo corpo de Íris, uma clareira vazia, uma tosse de motor a afastar-se, um misto de culpa, alívio, dor, desespero, certeza e dúvida a latejar como velas soltas de um barco à deriva.

Resgatara o corpo de Íris sem a certeza de lhe ter resgatado a alma.

Martingo ardia nesta dúvida enquanto o esquife se imolava nas labaredas do forno crematório.

Passava da meia-noite quando Martingo entrou pelo mar do Caribe adentro. O luar prateava as ondas, a rebentação era um sussurro, o

frio da roupa molhada no corpo escaldava-o. Depositou na vazante a garrafa com as cinzas de Íris e assegurou-se de que a corrente a levava para o largo. Ficou a vê-la desaparecer, vogando ao sabor das ondas num último embalo que lhe faltara em vida. O sal do mar e das lágrimas fustigava-lhe o rosto. Pensou encontrar alívio e paz na viagem de Íris pelo oceano, mas tardava a acontecer.